

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA - IFILO

VICTÓRIA CARDOSO ALVES

SELF, CORPO E AMBIENTE:
O ORGANISMO COMO ALICERCE DA MENTE CONSCIENTE

Uberlândia-MG
Dezembro, 2019

VICTÓRIA CARDOSO ALVES

SELF, CORPO E AMBIENTE:
O ORGANISMO COMO ALICERCE DA MENTE CONSCIENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr. Leonardo Ferreira Almada.

Uberlândia-MG
Dezembro, 2019

VICTÓRIA CARDOSO ALVES

SELF, CORPO E AMBIENTE:
O ORGANISMO COMO ALICERCE DA MENTE CONSCIENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Filosofia pelo Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação do Prof. Dr. Leonardo Ferreira Almada.

Uberlândia, 16 de Dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leonardo Ferreira Almada – Orientador (IFILO-UFU)

Prof. Dr. Sertório de Amorim e Silva Neto (IFILO-UFU)

Agradecimentos

Meus agradecimentos aos técnicos e todo o corpo docente do Instituto de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia. Foi inspirador passar por uma graduação com uma instrução tão diversificada. Meus agradecimentos ao Professor Olavo Calábria Pimenta por todo o suporte no início da graduação, e por me apresentar as discussões acerca da mente e da percepção. Agradeço especialmente ao meu orientador, Professor Leonardo Ferreira Almada, pela paciência, pelo suporte e por respeitar o meu tempo quanto à produção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Agradeço ao meu pai pelas conversas sobre o universo quando eu era criança e as discussões científicas depois de adulta. Agradeço à minha mãe por não me julgar ao escolher filosofia, mesmo não entendendo muito bem o que eu estudo, mas os colos e o amor que me deu durante toda a minha vida me fizeram; quem sou agora, e eu não poderia ser mais orgulhosa disso. Agradeço a minha melhor amiga e quase irmã Nathália, que me tirou do estresse me levando para comer e extravasar toda o estresse e cansaço que eu senti: você ilumina os meus dias.

Agradeço à minha grande amiga Bárbara Raffaelle por fazer da faculdade um lugar mais leve e por todo o suporte nos dois últimos anos, ao meu amigo Ricardo Ribeiro, que foi um grande companheiro nos dias que não consegui dormir por pensar na defesa deste Trabalho de Conclusão de Curso. Agradeço a todos os outros amigos e colegas de faculdade que fez os meus dias mais felizes e mais leves.

Por fim, agradeço a mim mesma por não desistir e por tomar todas as decisões que me fizeram chegar aonde estou. Tenho muito orgulho de quem sou e espero ser ainda melhor.

Dedicatória

Dedico este texto a toda a curiosidade que já tive acerca dos problemas mente-corpo, que me fizeram escolher a filosofia, e, também, uma profissão tão nobre quanto ser professora. A todos os devaneios que já tive e a todas as metas que ainda vou traçar.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar de modo interdisciplinar as relações entre a mente (consciente) e o corpo situado em um ambiente. A partir dessa perspectiva, propomos um conceito de identidade pessoal que possua suas raízes no corpo, de tal forma que construa o sentimento de si através das imagens processadas acerca do ambiente e do corpo próprio. Introduzimos uma concepção de organismo como a inextricável associação entre encéfalo, corpo-propriadamente-dito e ambiente, o que nos leva a rejeitar a ideia de organismo reduzida ao cérebro e corpo-propriadamente-dito. Essa construção de que o corpo é alicerce da mente – e, também, do *self* – é introduzida desde os processos evolutivos sobre os quais organismos multicelulares evoluíram até o que somos hoje. Propomos também uma concepção de mente que não é uma substância, tampouco se relaciona apenas com o cérebro, mas sim uma mente que emerge em todo o corpo a partir dos processos que ocorrem no mesmo. Com base nessas informações, analisaremos as implicações acerca da emergência da autoconsciência e de considerarmos o *self* possuindo suas raízes no corpo, produzidos a partir de informações armazenadas a partir dos canais de comunicação que são responsáveis por mapear o corpo e produzir imagens mentais. A partir dessas considerações, prosseguiremos com a investigação acerca da autoconsciência corporal e do papel da consciência plena do organismo.

Palavras-chave: Problemas das relações mente-corpo, Identidade Pessoal; Autoconsciência.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze, in an interdisciplinary way, the relations between the mind (conscious) and the body situated in an environment. From this perspective, we propose a concept of personal identity that has its roots in the body, in such a way that builds the feeling of self through the processed images about the environment and the body itself. We introduce a conception of organism as the inextricable association between brain, body-proper and environment, which leads us to reject the idea of organism reduced to the brain and body-itself. This construction that the body is the foundation of the mind - and also of the self - is introduced from the evolutionary processes upon which multicellular organisms evolved into what we are today. We also propose a conception of mind that is not a substance, nor does it relate only to the brain, but rather a mind that emerges throughout the body from its processes. Based on this information, we will analyze the implications of the emergence of self-awareness and consider the self having its roots in the body, produced from information stored from the communication channels that are responsible for mapping the body and producing mental images. From these considerations, we will proceed with the investigation of the body self-awareness and the role of the full consciousness of the organism.

Key-words: Mind-body relationship problems, Personal Identity; Self-consciousness

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: O CORPO NA CONSTITUIÇÃO DA MENTE (CONSCIENTE) E SELF	12
1.1 A biologia sobre a estrutura.....	12
1.2 O corpo como alicerce da mente consciente	17
1.3 Propriocepção e <i>self awareness</i> (autossenciência) corporal.....	19
1.4 Esquema de corpo e intencionalidade: a formação inicial do sentimento de si	21
CAPÍTULO II: A CONCEPÇÃO DA MENTE (CONSCIENTE) E A CONSCIENCIA DE SI	24
2.1 A concepção de mente consciente e a formação inicial do <i>self</i>	24
2.2 Os três estágios de <i>self</i>	28
2.3 O sentimento de si ao longo do tempo	30
CAPÍTULO III: O PAPEL DO CORPO NA CONSTRUÇÃO DO <i>EU</i>	33
3.1 O corpo como sustentáculo do <i>self</i>	33
3.2 A singularidade do <i>self</i>	36
3.3 As raízes do <i>self</i>	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	45

Introdução

A filosofia da mente é uma área contemporânea de conhecimento cujo alvo teórico é, em geral, o problema das relações entre a mente e o corpo, e entre o corpo e o ambiente. No entanto, nas discussões acerca da interação mente e corpo, o corpo quase sempre é negligenciado, e não raro é negligenciada sua importância para a constituição da mente. Atualmente, é possível encontrar alguns autores que sustentam a importância do corpo para produção da mente, e, mais do que isso, que sustentam que o *self* tenha suas raízes no corpo-propriadamente-dito. Em conjunto com a mente, o corpo constitui quem o indivíduo é, trazendo uma experiência em primeira pessoa a partir dos movimentos espontâneos do organismo.

Já nas páginas iniciais do livro *E o cérebro criou o homem* (2011), Damásio, na contramão de grande parte das teorias mente-corpo, introduz uma abordagem neurofilosófica no que diz respeito ao corpo como alicerce da mente, concebendo que este corpo ‘separado’ do cérebro traz um papel importante para corpo-propriadamente-dito para a construção da mente consciente. Damásio (2000, p. 11) começa seu livro pela narração de uma história segundo a qual, ao acordar em um avião, que já estava pousando, estava sem a percepção de si e do que o cercava. À medida que foi despertando, ele foi tomando consciência de onde estava chegando, o motivo da viagem, suas atividades ao longo do dia. Nas palavras dele:

Acordar significou ter de volta minha mente, que estivera temporariamente ausente, agora comigo nela, cômico tanto da propriedade (a mente) como do proprietário (eu). Acordar permitiu-me reaparecer e inspecionar meus domínios mentais, a projeção, em uma tela do tamanho do céu, de um filme mágico, um misto de documentário e ficção, que também conhecemos pelo nome de mente humana consciente (DAMÁSIO, 2011, p. 11-12)

A partir dessa reflexão, podemos dizer que todos temos acesso livre à consciência. Ao dormirmos, ela se vai, e, ao acordar pela manhã, ela retorna. Mas, como isso acontece? A relação ininterrupta da consciência com o cérebro advém a partir de quais processos? Ora, sabemos que a consciência está voltada ao corpo tanto quanto está voltada a nossa vida mental. Ela quem nos dá a consciência de que nosso corpo é *nosso* dentro do que o limita (pele, membranas, etc.).

Dentro dessas considerações acerca da consciência também estar voltada ao corpo (tanto no sentido interno quanto no sentido externo) faz com que se produza imagens que serão processadas pelo cérebro e assim, produzirá padrões neurais, que é de extrema importância para a produção da mente.

Sem a versão humana de consciência não existiria arte, amizade, amor, filosofia, ciência. Agiríamos tal como os animais desprovidos de raciocínio lógico. Não saberíamos que existiríamos, sequer haveria humanidade tal como conhecemos hoje. Não nos reconheceríamos em nós mesmos, tal como nos reconhecemos. O sentimento de si, tal como defendemos nesse trabalho, é um nível superior que, em conjunto com a mente, contribui para a regulação da vida. Logo nas primeiras páginas Damásio já privilegia o *self* ao abordar a mente consciente:

A meu ver, a mente consciente surge quando um processo do *self* é adicionado a um processo mental básico. Quando não ocorre um *self* na mente, essa mente não é consciente, no sentido próprio do termo. Essa é a situação dos seres humanos cujo processo do *self* é suspenso pelo sono sem sonhos, a anestesia ou doença cerebral (DAMÁSIO, 2011, p. 14).

O *self*, por sua vez, é construído em passos distintos e tem como alicerce o *protossself*. Primeiro, por meio da geração de sentimentos primordiais, que nada mais são do que os sentimentos elementares de existência que surgem no *protossself*. Há o *self* central, voltado à ação do organismo para com os objetos, manifestando-se a partir das sequências de imagens que descrevem um objeto do qual o *protossself*, em conjunto com os sentimentos primordiais, está sendo modificado. Por fim, temos o *self* autobiográfico, que diz respeito ao passado e ao futuro antevisto do organismo. A variedade de imagens que possuímos definem uma biografia, gerando pulsos ao *self* central, que também constitui o *self* autobiográfico.

A consciência também tem um papel relevante no que diz respeito ao sentimento de si e à continuidade do organismo, sendo ela a principal responsável por manter a identidade pessoal sempre ‘ativa’, de maneira ininterrupta. Seja enquanto dormimos ou mesmo acordados, sabemos que nosso corpo é *nosso* de fato, além de saber que o que se passa em nossos pensamentos pertence a nós mesmos. No sentido mais básico de *self* (o *protossself*) temos as imagens e os sentimentos que estão sempre se modificando à medida que são afetados pelos conteúdos apreendidos.

Esses três níveis de *self* farão com que o sentido de continuidade seja dado ao sujeito: *grosso modo*, o *self* autobiográfico – que é o nível mais complexo de *self* dentre os três –, em conjunto com as memórias que dizem respeito a história do sujeito perpetuam o sentimento de si ao longo do tempo, graças à capacidade de se relacionar e de associar conteúdos pré-concebidos a partir dos receptores proprioceptivos e como eles afetam o organismo com conteúdos já processados e armazenados na memória autobiográfica.

Nesse sentido, a consciência também gera uma subjetividade, ainda que bastante modesta no início, mas que foi de extrema importância para o surgimento do raciocínio e da memória, que trabalham em conjunto para o funcionamento do *self* no seu sentido primordial. Com essas colocações, entenderemos mais ao longo deste trabalho que somos um conjunto composto de um cérebro em pleno funcionamento, uma mente que é naturalmente produzida pelos processos cerebrais, e, por fim, por um corpo situado no ambiente, e com o ambiente interagindo. Essa composição tem como objetivo a regulação da vida, formando o corpo (tal como entendemos o termo), e essa regulação da vida está ligada diretamente ao corpo desde os primórdios da evolução das células, como veremos no Capítulo I.

Capítulo I

O PAPEL DO CORPO PARA A CONSTITUIÇÃO DA MENTE (CONSCIENTE) E *SELF*

1.1 A biologia sobre a estrutura

A teoria da mente que Damásio apresenta em *E o cérebro criou o homem* (2011) tem o corpo com alicerce da mente. Desde a etapa evolutiva os organismos partiram de uma espécie unicelular e autônoma, necessitavam sobreviver sozinhas, seus organismos eram compostos por uma membrana, um núcleo (a central de comando que abriga também o DNA) e um citoplasma (onde se transforma combustível em energia sob o controle de mitocôndrias) (DAMASIO, 2011, p. 34). Além dessa espécie também haviam os multicelulares, no qual consistiam de uma união de múltiplas células organizadas cooperativamente. Cada área era responsável por alguma tarefa: alguns se reuniram para constituir órgãos e formar um sistema, de outras uniões surgiram os tecidos musculares, nervosos e neurais. Um dos exemplos que Damásio cita é do coração, sangue e vasos sanguíneos (sistema circulatório), o sistema nervoso e o sistema imunológico (DAMASIO, 2011, p. 35).

Enquanto organismos unicelulares possuem sua autonomia para sobrevivência, a classe multicelular sequer tem um comandante, apenas algumas áreas que se sobressaem em relação às outras (um exemplo é o sistema endócrino e o próprio cérebro). Várias áreas com objetivos diferentes trabalhando em conjunto e de maneira organizada é algo extremamente interessante: ao longo da linha evolutiva esses organismos deram origem ao que somos hoje, extremamente desenvolvidos comparados às outras espécies de animais, que trabalham para se manterem vivos. A construção de grandes centros urbanos, por exemplo, faz parte desse instinto de sobrevivência, pois ao ter um lugar devidamente protegido as chances de ser violentado são menores. Isso é notável e importante para manter a continuação da espécie. Damásio (2011) faz uma comparação entre organismos multicelulares e a vida em sociedade tal como vivemos hoje:

Várias tarefas que as células de organismos unicelulares precisam executar sozinhas ficam a cargo de tipos especiais de células nos organismos multicelulares. A organização geral é comparável à variedade de papéis funcionais que cada organismo unicelular desempenha em sua estrutura (...) A economia de um organismo multicelular tem muitos setores, e as células dentro desses setores cooperam. Se isso lembra algo, faz pensar em sociedades humanas, é porque deve. As semelhanças são impressionantes. (DAMÁSIO, 2011, p.35)

O que mais intriga nessas observações é o fato de pequenos organismos unicelulares insistiam em permanecer e se manter vivo. Há algo parecido com uma “vontade” ou “desejo” inseridos neles, mesmo sem possuir cérebro ou consciência, elas se adaptam ao ambiente do qual estão inseridas, havendo uma incessante troca de informações entre o citoplasma e o núcleo que por sua vez possuem os componentes necessários para ocorrer essas regulações (DAMÁSIO, 2011, p. 36). Partindo disso podemos concluir que esse desejo pela permanência da espécie, muitas vezes associada a um desejo do cérebro ou mesmo da mente consciente nada mais é que um desejo do organismo em si, inserido e agindo no ambiente. Precisa atravessar obstáculos e manter-se vivo por um desejo natural de fato.

Ademais, essa “vontade” de algumas áreas dos organismos multicelulares são incapazes de se comunicarem com a mente consciente, da qual se origina no cérebro. A partir desse momento, Damásio (2011) introduz o conceito e a função do neurônio, células capazes de produzir sinais eletroquímicos capazes de mudar a condição de outras células, assim regulando o comportamento e contribuindo também para a produção da mente. Essa interação ocorre pela distribuição de sua corrente elétrica ao longo dos axônios, algumas vezes percorre grandes distâncias até chegar à extremidade da célula, o que é chamado de sinapse, liberando um transmissor que por sua vez atua nas células subsequentes. Quando a próxima célula é uma fibra muscular ocorre o movimento (2011, p.38). Não afirmo aqui que o neurônio é uma célula superior perante as outras, mas o papel que ela possui é de extrema importância para o funcionamento pleno do corpo. É esse tipo de célula que envia informações aos órgãos e membros do corpo-propriadamente-dito ao cérebro e *vice-versa*. Para todos os efeitos é um sistema de retroalimentação que ocorre tanto no sentido *top-down* (de cima para baixo) quanto em *bottom-up* (de baixo para cima).

Já o organismo vivo que possui uma consciência plena de que ele de fato existe está para além dos seus órgãos e células fazendo suas seguintes funções: esse corpo precisa estar incorporado e situado em um ambiente:

Apenas ver os neurônios e os cérebros que eles constituem como células radicalmente diferentes, sem levar em conta suas origens, traz o risco de separarmos o cérebro do corpo mais do que seria justificável tendo em conta sua genealogia e funcionamento. Desconfio que boa parte da perplexidade com o surgimento de estados de sentimento no cérebro deriva de não se dar a devida importância à relação íntima do cérebro com o corpo. (DAMÁSIO, 2010, p.39)

De fato, hoje somos seres superiores em relação as outras espécies e o que nos separa dos outros animais é a nossa capacidade de pensar e perceber a nós mesmos e o que nos circunda. Não é uma característica na qual pensemos diariamente, mas se reconhecer perante o espelho é uma tarefa que nem todos os animais conseguem fazer, por exemplo. Evoluímos tanto fisicamente que passamos de um simples aglomerado de células dispostas a trabalhar em conjunto para sobreviver ao que somos hoje. Se o maior objetivo nosso ainda é a sobrevivência e permanência da espécie, também é o de modificar o mundo para que possa viver melhor. As nossas necessidades atuais vão além de simplesmente alimentar-se ou mesmo tomar algo para diminuir a dor: queremos, de maneira geral, comer algo mais temperado e preparado com excelência, ter alguém especializado que possa entender sobre sua dor e tratá-la de modo que não volte a incomodar futuramente. Temos uma evolução principalmente em nosso cérebro, que antes era responsável apenas pela alimentação e regulação básica para sobrevivência e hoje possuímos o poder de raciocinar, compreender e mesmo imaginar e fantasiar sobre coisas que sequer aconteceram. O físico e cientista Michio Kaku em seu livro *O futuro da mente* (2014) faz uma descrição sobre o nosso cérebro e separa cada área de acordo com seus objetivos (fig.1):

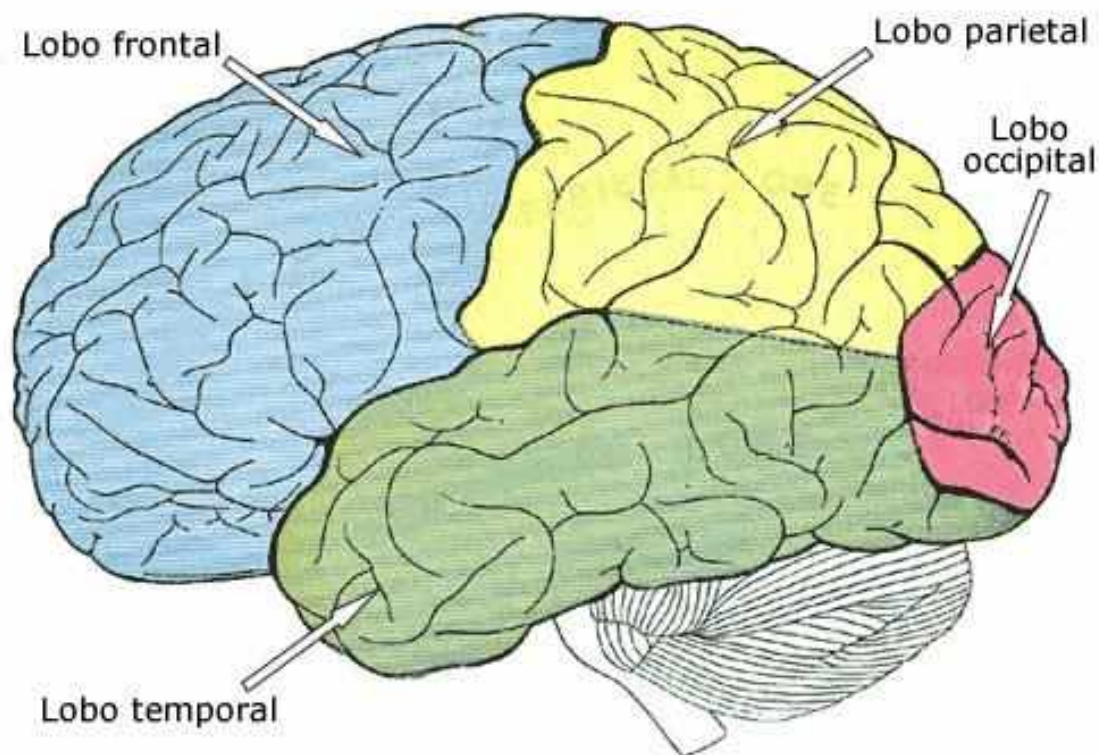


Figura 1. Os quatro lobos do cérebro separados de acordo com suas funções, mas todas estão interrelacionadas e cooperam entre si.

Resumidamente, o lobo parietal encontra-se no alto do cérebro. O hemisfério direito controla a atenção sensorial e a imagem corporal, enquanto o hemisfério esquerdo controla os movimentos hábeis e alguns aspectos da linguagem. O lobo occipital encontra-se na parte de trás do cérebro, da qual é responsável pela informação visual. O lobo temporal controla a linguagem, mas também pode ser responsável pelo reconhecimento de alguns rostos familiares e certos sentimentos (KAKU, 2014. p.32). É importante entendermos sobre algumas zonas do cérebro, juntamente com seu funcionamento, pois precisamos entender como ele lida com as informações corporais recebidas do ambiente. Separo o corpo do cérebro nesta pesquisa para melhor entendimento de como surge a mente, o *self* e a consciência, entendendo que cada uma dessas partes (corpo, cérebro e mente) nos fazem ser quem *de fato* somos.

Por isso a partir daqui nos referiremos ao corpo pelo termo corpo-propriadamente-dito, concebendo-o como uma estrutura de vital importância para a captação de informações internas e externas – sobre a qual nos debruçaremos neste capítulo –, o cérebro como um dos órgãos mais importantes para o processamento dessas informações e refinamento de processos cotidianos de tal ser e a mente, um processo de nível superior que contribui com a regulação da vida do sujeito (conceito mais aprofundado no próximo capítulo). Ao longo do trabalho, nos referiremos ao organismo como a fusão de todas essas partes supracitadas: o organismo é a associação de um cérebro e um corpo-propriadamente-dito inserido em um ambiente.

A colocação de Damásio de que “não há nada como a mente” pode causar estranheza perante o que dissemos previamente, pois pode soar como algo poético, mas dever-se-á levar em consideração o arcabouço filosófico dessa premissa: ela está para além do sentido de subsistência desses conteúdos que emergem a partir do seu funcionamento. Defendo neste trabalho que a mente, assim como o *self*, é o conjunto dos processos fisiológicos que surgem (ou emergem) das operações de tal organismo e, para além disso, a sua interação e intervenção ao ambiente. Baseando-se nos crescentes estudos que atestam que o corpo fornece informações internas e externas a si para o cérebro, alguns pesquisadores (BERMÚDEZ; MARCEL; EILAN, 1995) argumentam que há uma autoconsciência corporal, em que alguns receptores neurais enviam informações e comandos por meio de receptores corporais, os quais enviam informações acerca do ambiente e a regulação do corpo para as regiões específicas de volta ao cérebro. Não é à toa que as teorias de um corpo enraizado no ambiente possuem uma grande influência em pesquisas da psicologia, das neurociências e na filosofia da mente, pois as evidências de que a mente é como uma “assembleia de informações” de um corpo vivo e inserido em um ambiente é consistente no campo da psicologia e da neurociência, por exemplo.

Veremos agora como ocorre essa relação do corpo-propriadamente-dito, cérebro e ambiente a partir dessa perspectiva.

1.2 O corpo como alicerce da mente (consciente) e do self

A partir da breve explicação acerca do conceito de corpo que defendemos neste trabalho de Conclusão de Curso, demarcaremos a importância do corpo, em termos fisiológicos e estruturais, para o surgimento de mente. Na história do pensamento e na própria filosofia, o corpo quase sempre foi tido como um coadjuvante na construção do *eu*, mesmo sendo o responsável por satisfazer as vontades e desejos que o próprio *eu* projeta.

De fato, os neurônios, como dito anteriormente, são encontrados em grande quantidade no sistema nervoso central, e estão essencialmente voltados para o corpo e para o ambiente, ao mesmo tempo, o receptor das informações advindas daí (DAMÁSIO, 2010). Isso contribui para a emergência da mente, estruturando objetos e fenômenos fora do cérebro (situados no corpo e/ou no ambiente) e o processamento do próprio cérebro e de outros padrões neurais (DAMÁSIO, 2010, p. 19). Essas duas formas básicas de representação são as responsáveis pelo mapeamento do organismo, que é a base da nossa vida mental. A afirmação de que a mente é corporal se deve ao fato de que a formação dessas representações mentais se dá pelas formas mais básicas de experiência que possuímos a partir do nosso sistema sensorial, a exemplo dos sistemas visuais, auditivos, e mesmo os sistemas viscerais. Citamos:

A mente surge quando a atividade de pequenos circuitos se organiza em grandes redes de modo a compor padrões momentâneos. Os padrões representam objetos e fenômenos situados fora do cérebro, no corpo ou no mundo exterior, mas alguns padrões também representam o processamento cerebral de outros padrões. O termo "mapa" aplica-se a todos esses padrões representativos, alguns dos quais são toscos enquanto outros são refinadíssimos; uns são concretos, outros, abstratos. Em suma, o cérebro mapeia o mundo ao redor e mapeia seu próprio funcionamento. Esses mapas são vivenciados como imagens em nossa mente, e o termo "imagem" refere-se não só às imagens do tipo visual, mas também às originadas de um dos nossos sentidos, por exemplo, as auditivas, as viscerais, as táteis. (DAMÁSIO, 2010, p.23)

Assim, as representações do corpo no cérebro se dão por mapeamento corporal pelos neurônios, porém não é apenas o corpo que é representado no cérebro, mas também o meio no qual o organismo está situado. Como dito anteriormente, trabalhamos com o conceito de organismo nesta pesquisa, o que significa que para haver mente (e *self*) é necessário um corpo vivo inserido em um ambiente.

Logo, também é importante um mapeamento do ambiente externo ao corpo para a emergência da mente (consciente); sabendo disso, podemos dizer que o mapeamento não se dá apenas por meio interno (sistema musculoesquelético, órgãos internos), mas por mecanismos de percepção interna situados em lugares específicos do corpo, tais como o cheiro e a mucosa, elementos táteis da pele, os olhos, as orelhas (DAMÁSIO, 2010, p. 120-121). É assim que nos tornamos sencientes do mundo que nos circunda e de nós mesmos.

Tendo em vista tais considerações, podemos considerar o corpo como um tema natural da mente, sobretudo por conta dessas e dessas representações mentais. Isso faz com que o corpo seja inextricavelmente ligado à mente, pois só há mente se houver um corpo como sustentáculo. Mesmo o corpo sendo a fonte mais básica de imagens representadas pelo encéfalo, o corpo pode ser considerado de fato o alicerce da mente. Cada aspecto corporal tem sua representação mental, e cada um desses aspectos é processado por certas regiões encefálicas, as quais são os principais responsáveis pela emergência da mente, independente do domínio linguístico ou cognitivo. A partir dessas considerações, podemos afirmar que uma das funções do encéfalo é trazer o corpo à esfera da vida mental, consciente ou não (DAMÁSIO, 2010, p. 118). Dessa forma, podemos pensar, a partir destas contribuições de Damásio em seu penúltimo livro, em uma direção para tentar solucionar o velho ‘problema dos problemas’, a saber, o problema das relações mente-corpo. A partir da compreensão de que nossa vida mental consiste em um processo emergente do corpo-propriadamente-dito em um conjunto permanente de relação bilateral de interação e integração. Sem essa relação, o cérebro seria vazio, pois ele não se pensa/representa a si mesmo. (ALMADA, 2017, p. 11).

A partir dessa relação inextricável do corpo e do cérebro que se dá o que Damásio chama de *protoself*, o nível mais básico de experiência e consciência de si. As representações do corpo já presentes no encéfalo oferecem ao organismo sentimentos primordiais que produzem uma consciência mínima de si, sendo o primeiro degrau que conduz gradualmente à consciência, sob a forma de sentimentos que podem ser modificados interação com objetos (DAMÁSIO, 2010, p. 71). O *protoself* é anterior a mente consciente uma vez que ele advém de sentimentos primordiais a partir da interação do organismo com o ambiente. Este é um conceito que será melhor introduzido no capítulo 2, em que descrevo os três estágios do *self* e o relaciono com o corpo.

O papel desempenhado pelo corpo para a produção de uma mente (consciente) se dá por um tipo especial de representações, ou imagens, que são geradas a partir da relação inextricável entre corpo e cérebro, pelas características da circuitaria que fazem essa conexão (formados pela rede neural) e pelas propriedades dos neurônios.

1.3 Propriocepção e *self awareness* (autossenciência) corporal

Como vimos, o organismo é composto por um cérebro e um corpo-propriadamente-dito situado em um ambiente, tanto de maneira biológica quanto de maneira sócio-histórica. A forma que interagimos e agimos no ambiente em que estamos inseridos faz com que nossos corpos se modifiquem a si mesmos a partir de canais de informação dos sentidos corporais. Algumas informações captadas por esses receptores são registradas e processadas, pois essas informações corporais só podem ser captadas conscientemente a partir de informações relacionadas com o ambiente. Essa sensação de *si* é gerada a partir de uma consciência proprioceptiva, que nos faz entender nossos movimentos e interações com o ambiente (como saber que estou pegando um copo com água, e não uma maçã, por exemplo). Há relatos científicos que demonstram a importância dessa percepção a partir da ausência de *senciência* (*awareness*) corporal.

Um caso estudado que contribuiu com o desenvolvimento do conceito de propriocepção e sinestesia é o caso de Ian Waterman (Horizon, 1997), que tinha carência de propriocepção a partir do pescoço. Sentia frio, calor, dor, mas não era capaz de ter senso de postura ou de localização de seus membros, além de tato refinado. Ian perdeu sua propriocepção aos 19 anos por uma infecção viral. Mas, depois de 3 anos e graças a treinos de feedback visual ele reaprendeu a andar. O feedback visual acontece enquanto o paciente está vendo as operações. Se a luz apagar de maneira inesperada, Ian cai. Ele dorme com as luzes acesas, pois, se ao acordar, não sabe onde está o interruptor de luz.

Não se sabe ao certo se Ian voltará a ter a propriocepção normalizada. Ele perdeu sua propriocepção com 19 anos, e se movimenta a partir da observação dos movimentos. O estudo de seus avanços e de suas limitações são importantes para entender melhor a *senciência* corporal. Foi observado também que quando Ian fica sem ver seu corpo por um longo período; fica com uma leve tontura e não sente nenhum feedback de seu corpo. Isso é causado por Ian perder a consciência de si – em um sentido corpóreo – por um tempo.

É essa carência que mostra a importância desse estudo tanto para os estudos da mente como das ciências cognitivas. De qualquer modo, não se sabe se Ian voltará a andar ou se irá reverter seu quadro clínico, mas sua situação demonstra o quão importante é o conceito de propriocepção que possuímos.

Baseando-nos nos estudos publicados pela filósofa Maria Eunice González em conjunto com Willem Ferdinand Gerardus Haselager intitulado *A identidade pessoal e a teoria da cognição situada e corporificada* (2003), o *self* está na sensação dos movimentos espontâneos que caracterizam a ação cotidiana dos indivíduos, utilizando a *awareness* proprioceptiva para desenvolver sua teoria. O termo propriocepção é utilizado primeiramente por Sherrington (1906) para referir-se a receptores localizados no interior do organismo, particularmente nos músculos e nas articulações. Esses receptores indicam a posição e o movimento do organismo no ambiente, o que identifica fatores como temperatura ou dor:

A sensação externa, nas formas de vida eucarióticas (uni e multicelulares), está a serviço do movimento. Proprioceptores parecem ter derivado dos órgãos sensórios externos como resultado do deslocamento de antigas estruturas corpóreas externas. O sentido dos movimentos corpóreos, inicialmente tátil, desenvolveu-se até constituir a sinestesia. (GONZÁLEZ; HASELAGER, 2003, p. 5)

A propriocepção já pode ser identificada a partir dos estágios iniciais do desenvolvimento humano e pode ser observada a partir da quarta semana de gestação, em que começam a desenvolver o sistema auditivo, e o feto já possui o que seria o começo do sistema que dá equilíbrio aquele sujeito. Os movimentos involuntários também podem ser considerados parte dessa propriocepção, pois mesmo que esses movimentos sejam involuntários, o sujeito desenvolverá uma consciência da extensão do seu corpo e do que há ao seu redor de acordo com seu desenvolvimento até o seu movimento espontâneo, que “é a fonte constitutiva de nossa percepção e de nosso senso de nós mesmos como agentes, sujeitos e indivíduos” (GONZÁLEZ; HASELAGER, 2003, p. 7).

Tanto a forma que representamos nossos corpos quanto à forma por meio das quais nossos corpos se representam a si mesmo, se modificando e modificando o ambiente, tornam-se possíveis graças a esses canais de informação, que propiciam informações acerca do corpo para com o ambiente quanto as possibilidades que o ambiente oferece ao corpo incessantemente.

A partir dessa consideração, é importante entender que a percepção de movimento e posição do corpo no ambiente nem sempre é processado pela consciência. Por exemplo, nem sempre nos percebemos caminhando ou tomando um copo com água, mesmo realizando essas ações naquele momento. A consciência não processa todas as informações recebidas do corpo e do ambiente; logo, muitas formas pré-conceituais não são incluídos na nossa vida mental, mesmo as informações com propósito adaptativo que, embora não sejam conscientes, são biologicamente significativos. Ainda sim essas informações proprioceptivas acerca do corpo e do ambiente são importantes para o soerguimento da mente e também do *self* mais básico que possuímos (o *protossself*), pois a mente também utiliza de sinais não conceituais, utilizando-se de conteúdos mentais básicos ao conteúdo mentais mais complexos e conscientes.

Podemos entender que a percepção é essencialmente uma relação entre o sujeito e um certo objeto, incluindo a separação de um tal objeto no ambiente perante os outros, podendo ressignificá-lo ao longo do tempo. Concluimos então, tendo em vista essas considerações, que a *awareness* corporal deve sempre envolver uma forma de autoidentificação corporal acompanhada de um conteúdo perceptual que se refere ao corpo como um objeto. A propriocepção fornece uma *awareness* inicialmente pré reflexiva do corpo, havendo ainda a possibilidade de transformar tal conteúdo em um *awareness* pré reflexiva a partir da intencionalidade dirigida a partir do corpo.

1.4 Esquema de corpo e intencionalidade: a formação inicial do sentimento de si

Para entender melhor o que são esses conteúdos pré reflexivos e não conceituais, diferenciamos o esquema de corpo (*body schema*) da imagem de corpo (*body image*).

A imagem de corpo (*body image*) está ligada diretamente à propriocepção que regula o nosso movimento corpóreo de modo não-consciente. Operando a partir de representações para manter-se regulada e em funcionamento pleno (no sentido de *protossself*), a imagem de corpo é a sensação consciente das ações do corpo ao mover-se, interagindo com o ambiente e ajustando-se a ele. De antemão, a imagem do corpo se trata de um processo que pode ser consciente de estados intencionais do próprio corpo. Ela está ligada às experiências perceptuais do sujeito, como, por exemplo, estar escrevendo – tal como estou no momento – e sentir minha perna adormecer por algum motivo.

Neste momento, minha consciência, que anteriormente estava diretamente voltada para a escrita, se direcionou para a perna graças aos receptores proprioceptivos que a adormeceram por algum desconforto. A sensação de corpo está em nós a todo momento, mas a partir de alguma necessidade, seja fome, sono ou uma dor de cabeça, a consciência se dirige àquele órgão e/ou membro de maneira não reflexiva. Na medida em que o corpo não foi tão discutido em relação à constituição do *self* e da identidade do sujeito, a imagem de corpo passou a ter um papel de representação, mas em conjunto com a sensação de corpo, ela constitui as experiências e as percepções de mundo ao mover-se nele.

Por outro lado, o esquema de corpo (*body schema*) se trata de um nível superior e subconsciente que diz respeito a um grupo de operações corporais extra intencionais que vão além das ações e movimentos corporais, logo, além dos processos da imagem de corpo (*body image*). O esquema de corpo está para além da propriedade de si e de sentimentos de *self* pré-conceituais, mas está relacionado com movimentos que estão para além do nosso controle consciente, mas ainda possui bastante relevância na integração do corpo com o ambiente. O esquema de corpo está ligado ao fato de operações automáticas – não-conceituais – destinados a regular o organismo, como ajustar a postura sem demandar o controle consciente (ALMADA, 2017, p. 18). A intencionalidade envolvida nestes dois conceitos se dá pela capacidade de nos mantermos constantemente sencientes (*awares*) em relação ao nosso corpo. Vale lembrar que estes dois conceitos não estão ligados a uma consciência constante do corpo e do ambiente, mas envolve a nossa capacidade de voltarmos nossa consciência para o nosso corpo no momento em que quisermos.

A noção de esquema do corpo (*body schema*) é, sem dúvida, o caminho mais seguro para entendermos em um sentido não metafórico a noção de mente corporificada. Afinal, o esquema do corpo (*body schema*) reflete uma sintonia entre o corpo e seu ambiente de uma forma que permanece pré-noética e que transcende a neurofisiologia. (ALMADA, 2017, p.21)

É neste sentido que se origina uma intencionalidade em relação ao organismo e o ambiente: são os ajustes e a regulação para maior bem-estar de nossos corpos, mesmo que de maneira implícita, que nos fazem perceber o mundo e modelam o modo em que apreendemos o mundo. Isso faz com que essa intencionalidade seja corporificada, já que o corpo é o que apreende o mundo e o reorganiza a partir dos processos conceituais e não conceituais. Neste âmbito, essa intencionalidade só ocorre em conteúdos que podem ser elevados a um nível de consciência. Esse tipo de *awareness* proprioceptiva se dá em nível corporal e evidencia-se a relevância das discussões acerca do corpo para a produção de uma mente e de um *self*. À medida que o ambiente nos transforma estamos também transformando o mundo, de modo que possamos entender e nos reconhecer em nós mesmos.

No que diz respeito à consciência corporal podemos afirmar que ela não se trata de uma consciência que está voltada apenas para o corpo, possuindo o objetivo apenas de realizar a homeostase do sujeito. Para além disso, vale a consideração de que as informações captadas a partir dos receptores corporais contribuem para a produção de mente e, mais ainda, o sentido mais básico de *self*, que por sua vez gera sentimentos primordiais no organismo. É assim que o sujeito entende que seu corpo, juntamente com o cérebro que possui e o ambiente no qual está inserido faz com que ele se reconheça em *si mesmo*. A seguir discutiremos acerca da construção do que Damásio chama de mente consciente e a partir que tais considerações, entenderemos como se dá a produção de *self*.

Capítulo II

A CONCEPÇÃO DE MENTE (CONSCIENTE) E A CONSCIENCIA DE SI

2.1 A concepção de mente (consciente) e a formação inicial do *self*

A mente consciente é um nível hierárquico de atividade mental que proporciona ao organismo conhecer conteúdos mentais externos e internos a ele. Para Damásio (2010) a mente consciente (consciência) é um processo de nível superior dedicado a processar, organizar e dar sentido aos conteúdos mentais para com o sujeito. O corpo por sua vez é aquele que possibilita o surgimento destes conteúdos. Além disso, a consciência é o principal processo mental que dá ao organismo consciência de *si*, ou seja, a consciência, em primeira pessoa, de que aquele indivíduo de fato *existe*, de que seus conteúdos mentais são seus, ou ainda, de que o seu corpo é seu.

O processo de mente consciente surge através de manifestações de sentimentos e emoções nas quais se expressam em momentos de estresse ou euforia do organismo. Se essas manifestações refletem constantemente o estado do corpo por meio das imagens mentais produzidas pelo encéfalo pode-se afirmar que o mapeamento do corpo não é uma atividade passiva contemplativa. O cérebro prevaleceu na evolução em busca da regulação da vida, os processos cerebrais que levaram à mente consciente também prevalecem por oferecer mais possibilidades de adaptação e sobrevivência da espécie, expandindo seu bem-estar (Damásio, 2010, p. 55). É importante lembrar que mente e consciência são processos mentais de níveis diferentes, com funcionalidades diferentes, enquanto a mente é um processo superior no qual está a maior parte das informações sobre o que somos e o que nos circunda, ou seja, ela necessita do melhor funcionamento de outros processos corporais e mentais para se manter ativa e bem, a mente consciente, tal como dita por Damásio (2010), é um processo de extrema importância para conhecer a *si mesmo* e o que o circunda.

Damásio (2010) afirma que consciência e vigília não são a mesma coisa, pois estar acordado é requisito prévio para uma consciência elementar. Seja em sono induzido ou um sono natural a consciência deixa sua forma elementar, não como um estado *on-off*, mas sim em uma forma mais reduzida: “Estar adormecido ou sonolento com certeza reduz a consciência, mas não a leva ao zero abruptamente. Apagar a luz não é uma analogia acurada; reduzir pouco a pouco a luminosidade refletiria melhor a ideia” (DAMÁSIO, 2010, p. 129). Contudo, isto não significa que a consciência está *on* assim que acordados, já que precisamos de um tempo curto – mas mensurável – para retomar uma mente orientada, sobretudo em situações menos cotidianas, como acordar em um fuso horário diferente do que se é acostumado ou mesmo após perder a consciência por bater a cabeça, pois ela precisa de um tempo breve para recobrar a sua noção de espaço, hora e de si mesmo (DAMÁSIO, 2010, p. 129). Esses dois elementos são importantes para o processo da mente consciente, mas o *self* aparece, segundo Damásio, como o elemento distintivo para seu funcionamento:

Acordar significou ter de volta minha mente, que estivera temporariamente ausente, agora comigo nela, cômico tanto da propriedade (a mente) como do proprietário (eu). Acordar permitiu-me reaparecer e inspecionar meus domínios mentais, a projeção, em uma tela do tamanho do céu, de um filme mágico, um misto de documentário e ficção, que também conhecemos pelo nome de mente humana consciente. (DAMÁSIO, 2010, p. 10)

Necessitamos também de um *self* automático, nomeado por Damásio (2010) de *protoself*, não de maneira protagonista como defendo nesta sessão, mas em uma esfera pré-conceitual e pré-reflexiva da sensação de *si* mesmo. *Protoself* é “uma coleção integrada de padrões neurais separados que mapeiam, momento a momento, os aspectos mais estáveis da estrutura física do organismo” (DAMÁSIO, 2010, p.154). Estas estruturas encefálicas estão para além da reflexão de variações dos estados corporais, esta é uma relação inextricável e anexada ao corpo. O *protoself* possui uma grande e privilegiada relação com o corpo e isto acarreta, por consequência, a produção de mente consciente. Entende-se melhor esta relação pela elegante metáfora de Damásio, em que “o corpo é a rocha sob a qual o *protoself* se assenta, enquanto o *protoself* é o eixo pelo qual gira a mente consciente” (2010, p. 22).

Assim como precisamos estar acordados para nos manter conscientes, como dito acima, o *self* básico é responsável por fazer o organismo discernir todos os seus afazeres após despertar, seja depois de uma noite de sono ou após um desmaio. Quando desmaiamos há um curto período de tempo para voltarmos a *si*, podemos então afirmar que esse *self* não precisa ser o protagonista que nos dá a plena ideia de quem somos, mas apenas uma leve sensação de *si mesmo* em nível corporal, no qual você consegue – após poucos segundos – retomar consciência do que houve e da situação atual. Logo, o corpo propriamente-dito faz uso desses dois estados para manter a mente funcionando em seu melhor estado, usufruindo de uma consciência forte¹ que capta informações do ambiente para produzir padrões mapeadores (captados pelos mais diversos sentidos externos ou internos ao organismo) de modo ordenado, mantendo a noção de *eu* do indivíduo e do que o circunda.

Partindo disso, Damásio aprofunda este conceito, que engloba a troca de informações tanto *top-down* quanto *bottom-up* entre o corpo (e cérebro), mente e ambiente (interno e externo a ele). De fato, o corpo possui uma consciência para que possa experienciar o ambiente interno e externo a ele, e esta consciência se dá por neurônios captadores localizados em vários pontos do corpo. Assim que uma certa percepção é experienciada, ela é processada a partir de conteúdos já captados pela mente e consciência. Logo, a consciência está para além de apenas “imagens na mente”, ela também produz conteúdos mentais (ou “mente”, como afirma Damásio, 2010, p.16) fazendo uso dos captadores. Este é o processo *bottom-up* que produz conteúdo a partir de informações captadas pelo corpo. Já o processo *top-down* faz uso desses conteúdos para entender melhor o que se passa no ambiente e em *si mesmo*, como, por exemplo, saber como se portar na sociedade no qual está inserido (a partir da noção da cultura e moral normativa) ou mesmo os movimentos peristálticos do sistema digestivo. Ambos processos estão diretamente ligados à mente consciente (consciência) que é uma grande aliada para que o organismo esteja sempre funcionando da melhor forma possível e assim mantendo-o vivo, mas esses conteúdos jamais serão ordenados, mas sim um fluxo caótico de imagens que emergem tanto em *top-down* quanto em *bottom-up*.

¹ Uso o termo “forte” para diferenciar da consciência do sonho, que, como explicado acima, é um nível inferior de consciência.

Entendemos então que mente consciente é um processo que engloba todos os pontos que estão sendo apresentados neste trabalho e é de suma importância para entender melhor os problemas mente-corpo, já que a mente consciente se relaciona diretamente com o *self*, corpo e ambiente. Ela é a principal responsável pelo mapeamento do corpo a partir de uma imagem formada pela relação do ambiente com o organismo e também é responsável pela sensação de *self* e não *self*, pois o *self* é composto a partir da autoconsciência do sujeito. A mente consciente é produzida quando o cérebro adiciona o *self* aos demais ingredientes da mente. De início o *self* se insere aos poucos na mente consciente, tomando intensidade para a produção de conteúdos mentais além de manter a vida mental em pleno funcionamento. Ela possui as mesmas características da consciência (mente consciente) tal como explicado acima, possui a ciência de que outros como ele possuem mente consciente a partir do comportamento daqueles que observara anteriormente, o cérebro deve estar funcionando normalmente e, principalmente, necessita de um *self* já estruturado no organismo para que possa processar de modo saudável. Nesses parâmetros, consciência (tal como foi definida acima) e mente consciente parecem fazer o mesmo processo para com o corpo, mas ambos processos são complementares para manter o funcionamento ideal do organismo, contribuindo para a emergência e informação retroalimentada entre corpo e mente a partir dos processos cerebrais. Esta mente consciente que nos propicia a ideia de que temos e possuímos um corpo. Sem a existência da mente, não haveria sequer como estarmos certos de nossa própria existência (DAMÁSIO, 2010, pp 15-17). Em linhas gerais, a mente consciente (consciência) auxilia na regulação da vida.

Ademais consideramos que o mapeamento do corpo tem sua importância no que diz respeito a ser o alicerce da mente consciente. A relação do corpo-propriadamente-dito e a mente consciente é a emergência, que remonta os padrões neurais – formando imagens – que é experienciado pelo organismo dentro do ambiente no qual está inserido. É importante lembrar que esse fluxo é caótico no sentido de acontecer simultaneamente, que ao contrário das teorias dualistas o emergentismo se dá através do fluxo de informações *top-down bottom-up* transmitida entre o corpo próprio e a mente consciente. A partir dos vários conteúdos apenas absorvidos pelos mais diversos sentidos do corpo a consciência os processa e os transforma em conteúdos mentais conscientes, ou seja, conteúdos que se tornam mapas mentais do próprio organismo e do ambiente no qual está inserido.

O corpo é o alicerce da mente consciente por ser seu principal captador de informações acerca de si mesmo e do ambiente para gerar tais conteúdo e, para além disso, gerar a autossenciência do indivíduo, determinando o seu sentimento de *self*:

Mais precisamente: reside no mapeamento neural do corpo sob a forma de imagens os substratos neurofisiológicos que propiciam o sentimento de identidade pessoal a partir de uma perspectiva de primeira pessoa, isto é, que asseguram o reconhecimento de nós mesmos como organismos conscientes e únicos, o que quer dizer, distintos de todos os outros objetos do mundo. (ALMADA, 2017, p.110)

Percebe-se o quão importante é o corpo para a constituição de mente consciente, é extremamente necessário termos acesso constante ao ambiente para haver processos capazes de constituir o *eu* no mundo. Ora, mais que considerar que a mente consciente (consciência) ordena conteúdos mentais básicos não conscientes transformando-os em conteúdos mentais conscientes, devemos nos atentar que o corpo é a principal fonte que a consciência depreende estes conteúdos, e para além disso o corpo é responsável por motivá-los e senti-los, no sentido mais simples do termo. É o organismo quem dá origem aos conteúdos mentais e o papel da consciência é ordenar esses conteúdos recebidos além de saber que “tal organismo vivo e atuante existe” (DAMÁSIO, 2011, p. 10).

2.2 Os três estágios de *self*

Os processos de *self* são especialmente eficientes para orientar e organizar a mente no que diz respeito à homeostase do organismo, aumentando as chances de sobrevivência. Segundo Damásio (2010), os processos de *self* foram favorecidos pela seleção natural do processo evolutivo, em que provavelmente não geravam consciência e se limitavam apenas a nível do *protosself*. Mais adiante na evolução, os níveis mais complexos de *self* passaram a ser relevantes por gerar uma subjetividade à mente e, assim, ao organismo. Posterior a isso, instruções mais complexas passaram a ser usadas para o reconhecimento do próprio sujeito e do ambiente (DAMÁSIO, 2010, p. 148). As informações captadas pelas funções que dizem respeito ao conhecimento do organismo passaram a ser armazenadas no campo da memória e, a partir daí, passa-se a ter uma consciência em sentido amplo: a partir da categorização desses conhecimentos, ocorre a simbolização das mais diferentes formas (como pela linguagem), que passam a manipuladas pela imaginação e pelo raciocínio.

Devemos considerar também que assim como a mente consciente adquiriu esses níveis de *self*, nem a mente nem o *self* deixaram de evoluir. Ao contrário, tanto o *self* quanto a mente estão evoluindo de forma ativa pelas pressões criadas pelo autoconhecimento (DAMÁSIO, 2010, p. 148). Fazemos contribuições a essa evolução ao avanço tecnológico, a globalização das informações culturais que impulsionam as evoluções da mente e do *self*.

Nesse sentido, podemos elencar três estágios de *self*: chama-se *protossself* a reunião de imagens que geram sentimentos espontâneos do sujeito; a relação do objeto percebido e do sujeito que o percebe consiste do *self* central; por fim, o estado que possibilita que muitos objetos já experienciados no cotidiano, interaja com o *protossself* e forneça informações para o *self* central (DAMÁSIO, 2010, p. 147).

Para entendermos melhor do que se trata o *self*, Damásio (2010) propõe fazermos uma introspecção, que, embora possa trazer informações enganadoras, é o único modo de experienciarmos a *nós* mesmos e o que ocorre em nossas mentes. Essa observação levou Damásio (2010, p. 149-150) a descrever a mente como um “rio corrente com objetos em suas águas”. Esses objetos são acompanhados de sentimentos que se liga ao corpo e à mente, sendo capazes de atuar sobre eles se quiser. Damásio (2010, p. 150) chama essa sensação de “sentimento que acontece” que diz respeito ao sentimento do objeto e para além disso há um “sentimento primordial”, que possui uma qualidade definida em algum ponto na escala do prazer à dor. Esses sentimentos primordiais são produzidos pelo *protossself*.

Há um sentimento ainda mais entranhado que podemos procurar e descobrir nas profundezas da mente consciente. É o sentimento de que meu corpo existe e está presente, independentemente de qualquer objeto com o qual ele interaja, como uma afirmação inabalável e sem palavras de que estou vivo. (DAMÁSIO, 2010, p. 150)

Em suma, ao fazer uma introspecção para entendermos como a mente funciona, podemos concluir que a mente é um conjunto de imagens variadas, em que algumas descrevem conteúdos já experienciados que se encontram na consciência, enquanto outras imagens descrevem *quem sou eu*.

Essas imagens podem ser concebidas como o resultado de objetos sendo mapeados pelo organismo situado no ambiente; o sentimento de que esses objetos estão sendo representados a mim e somente a mim; o sentimento de ação sobre esses objetos encontrados no ambiente, sendo minha mente quem comanda essa ação; e por fim os *sentimentos primordiais* tal como descrito anteriormente, o que indica a existência do meu corpo vivo independente do ‘agir’ com esses objetos. São esses elementos que formam o sentimento *self*, que, acoplado a imagens e objetos que não são componentes dos níveis de *self*, formam, então, a mente consciente.

2.3 O sentimento de si ao longo do tempo

Para entendermos melhor como nos percebemos como *nós mesmos* com o passar do tempo, mesmo com as mudanças externas e internas a nós, precisamos nos debruçar no conceito de continuidade do organismo. As dificuldades em encontrar algum critério substancial para afirmar a identidade pessoal na perspectiva de primeira pessoa não são satisfatórias para entendermos como nos reconhecemos em *nós mesmos*, pois há o problema da transformação histórica e biológica do sujeito. Mesmo compartilhando a mesma cultura e realizando quase as mesmas atividades na rotina, não nos vemos como outra pessoa além de *nós*. Então, para entendermos como ocorre essa subjetividade de que, mesmo com o correr dos anos, ainda nos identificamos em nossos corpos é necessário aprofundarmos a reflexão acerca do “sentimento de si” para fundamentar a perspectiva que defendemos neste trabalho.

Mudamos muito ao longo de nossas vidas, seja acerca da cultura em que estamos inseridos, seja opiniões que dizem respeito a política, a ética, etc. Para além dessa mudança sócio-histórica, vemos nosso corpo ficando mudando da infância à vida adulta, seja de modo fisiológico, como o que ocorre na puberdade, seja conhecimentos gerais acerca do mundo. Vivemos em um corpo, possuímos uma mente que corresponde a este corpo, e produzimos um *self* que corresponde a ambos (DAMÁSIO, 2010, p. 159). Entendemos então que a subjetividade do *self* corporal está na representação por imagens, na relação dessas imagens para com o organismo e a continuidade do organismo está em uma dimensão mental, utilizando-se de referências corporais já processadas de antemão.

Quando refletimos sobre a continuidade da identidade pessoal do organismo, pensamos em algo que, de fato, continue nele através dos anos, mas não é preciso necessariamente que algo continue. Utilizando da metáfora da corda que o filósofo da linguagem Wittgenstein usou para entender o que há em comum entre todas as coisas nomeadas da mesma forma: “a robustez do fio não está no fato de que uma fibra o percorre em toda sua longitude, mas sim em que muitas fibras estão trançadas umas com as outras” (WITTGENSTEIN, 1975, p. 43). Sendo assim, pensar em algum tipo de critério que seja a condição que evidencia essa continuidade não precisa ser algo que não se altere com o tempo, mas um aglomerado de informações que possuímos sobre nós mesmos que nos faça nos perceber como *unidade*. Mas como pode tantos elementos distintos, se transformando à medida que agimos, compor uma única realidade subjetiva?

Em *Identidade pessoal e continuidade* (2010), Viana propõe a teoria bergsoniana de “duração” adaptada para os estudos acerca do *self*. Segundo Viana (2010, p. 13), a duração é a continuidade que não pode ser dividir, “como uma penetração mútua, uma solidariedade, uma organização íntima de elementos, dos quais cada um deles, representativo do todo, não se distingue deste e não se isola dele”, a não ser pelo “pensamento capaz de abstrair”. A duração, assim como a continuidade, se dá a todo momento em uma mudança incessante; logo, o conceito de unidade do ser parece não se encaixar neste raciocínio, pois somos a soma do que já vivemos com o que estamos sendo naquele momento em diante. É um constante devir, enquanto houver a duração dos nossos corpos, e esse devir é incorporado no *self*, no corpo-propriadamente dito e na mente do organismo. É neste sentido que entendemos nossos pensamentos como nossos, e não o de outra pessoa, até o fato de nos movermos, de agirmos no mundo, pertence a nossos desejos e vontades. Citamos:

Se compreendemos que a mudança se dá incessantemente, não é difícil concordar que para Bergson a mesmidade é uma ilusão: a rigor, nada é idêntico a si mesmo em um momento imediatamente anterior, e tampouco será idêntico a si mesmo no momento subsequente. (...) o que somos, na verdade, é um constante devir. (VIANA, 2010, p. 13)

Isto posto, podemos compreender o *self* está em uma mudança incessante: como, no entanto, explicar que somos únicos e nos reconhecemos todos os dias? Ainda utilizando o conceito de Bergson, Viana (2010, p. 14) utiliza o sentido de memória como uma “condensação de duração”. Memória, de acordo com a teoria bergsoniana, é a maneira que o passado sobrevive ao futuro, revelando como prosseguiremos nas decisões presentes e futuras a partir de sentimentos e conceitos já experienciados anteriormente (seja de maneira externa, agindo no mundo, seja de maneira interna, processando as informações e representações de nós mesmos e do mundo). A vida psicológica passada nos condiciona ao nosso estado presente, fazendo parte do que somos.

O que pode nos ajudar a entender este conceito de *self* defendido neste Trabalho de Conclusão de Curso, sem recairmos em um fisicalismo ou uma metafísica, talvez consista em adicionar o conceito de representações proposto por Damásio já descrito no Capítulo 1. De fato, somos um corpo, uma mente, uma consciência, e produzimos essa mente de maneira natural a partir da nossa ação no ambiente, além do processamento das informações armazenadas.

A teoria bergsoniana pode ser satisfatória para muitos estudiosos que venham a refletir acerca do seu conceito de duração. No entanto, um fluxo constante de mudanças gera questões importantes para o que entendemos como mente neste Trabalho de Conclusão de Curso. Damásio já havia introduzido em suas obras o conceito de que é impossível que o corpo experiencie tudo que ele percebe, e os processos conscientes parecem não processar todas as informações recebidas do corpo. Logo, como ocorreria essa continuidade incessante, mesmo se utilizando de uma memória que “carrega” o passado até o presente, fazendo nos percebermos como nós mesmos?

Damásio propõe em seu livro *O mistério da consciência* (2000) que a consciência corporal advém do mapeamento sensório-motor preestabelecido, fixo, do qual permanecem os mesmos, qualitativamente, durante toda a vida por parâmetros de sobrevivência. Seguindo este raciocínio de consciência de Damásio, propomos então que o sentimento de *self* vem da mudança do organismo a partir da sua interação com o mundo: a construção do conhecimento requer um cérebro, que por sua vez requer propriedades sinalizadoras para que o cérebro seja capaz de montar padrões neurais e produzir imagens.

Capítulo III

O PAPEL DO CORPO NA CONSTRUÇÃO DO *EU*

3.1 O corpo como sustentáculo do *self*

Segundo Damásio em sua obra *O mistério da consciência* (2000) temos um mapeamento corporal que nos faz ter plena consciência de que ele é nosso. Nos estudos baseados na consciência do sujeito, a que está voltada para o mundo externo está “livre” para captar o que nos cerca, afetando diversas áreas do cérebro e processando novas informações se for conveniente. Contudo, a consciência que temos de nossos corpos não é livre neste sentido: ela está “presa” e pode manipular apenas o corpo a partir de grandes mapas preestabelecidos (2000, p. 40). Esses mapas, como vimos no Capítulo 1, são gerados a partir das informações apreendidas pelos receptores que enviam essas informações para o cérebro e os campos específicos processarem tais informações, o que contribui para a produção da mente, juntamente com o *protossself*.

Como vimos, o *protossself* é a reunião de imagens que geram sentimentos espontâneos do sujeito. Agindo para além das relações corporais, esses padrões neurais estão relacionados com o organismo de maneira inextricável. Logo, o *protossself* é o conjunto das interações obrigatórias entre corpo e cérebro, pelas características da circuitaria que fazem a conexão e pela propriedade dos neurônios (DAMÁSIO. 2010, p. 37). Esse processo só pode funcionar se o *protossself* gerar um sentimento elementar, que independe de qualquer ação do organismo no ambiente, fazendo uso apenas das imagens mentais. Esses sentimentos elementares são um tipo especial de imagens geradas a partir dessa relação inextricável do corpo e do cérebro:

Não basta dizer que os sentimentos são sentidos porque mapeiam o corpo. Minha hipótese é que, além de ter uma relação única com o corpo, o mecanismo do tronco cerebral responsável pela produção dos tipos de imagens que denominamos sentimentos é capaz de mesclar com grande refinamento os sinais do corpo e, assim, criar estados complexos com as especiais e revolucionárias propriedades dos sentimentos, em vez de, servilmente, apenas produzir mapas do corpo. A razão de também sentirmos imagens que não se referem a sentimentos é que elas normalmente são acompanhadas de sentimentos. (DAMÁSIO, 2010, p. 26)

Imaginemos que estamos atravessando a rua e de repente vemos um carro vindo em nossa direção. O nosso ponto de vista será diferente do ponto de vista de alguém que esteja observando pela janela, pois os corpos estarão experienciando a cena de modos diferentes. Fazemos um movimento repentino que altera todo nosso funcionamento, além de alterar a emoção que sentimos: o corpo é tomado pelo medo, e a partir desse sentimento nosso corpo passa a se regular para não ser atingido pelo carro ou, pelo menos, sofrer menos impacto possível (DAMÁSIO, 2000, p. 269). Essas mudanças do corpo também afetam as representações que possuímos, as quais existiam antes de acontecer tal experiência. Tais mudanças também afetam o *protossself*, o componente que faz com que vejamos o episódio de maneira diferente de outra pessoa que apenas o observa.

Para além da perspectiva das imagens mentais sofrendo mudanças de acordo com os acontecimentos, podemos pensar que algo permanece o mesmo no que diz respeito ao *self*. Logo, podemos entender que o que permanece é o *self autobiográfico*, que nada mais é que um conjunto de memórias e fatos fundamentais de um biografia individual, que podem ser reativadas à medida que convém para o organismo. Este *self autobiográfico* é o mais complexo, relacionando-se com o *protossself* e o *self* central. Para a construção dele, precisamos das memórias de fatos fundamentais, sobre os quais nos dão o sentido de passado e futuro, dando a noção histórica de nós mesmos. A consciência também se mostra importante para a construção do sentimento de si e se relaciona com o *self autobiográfico* de forma que faz com que o organismo tenha plena noção de que tais conteúdos mentais são, de fato, seus.

Vale ressaltar que o *protossself* não tem consciência, tampouco interpreta algo (2000, p. 303). Ele está voltado para o mapeamento do corpo, e apenas é afetado e transformado no nível dos mapas e representações interoceptivas (seja sobre portais sensoriais, seja imagens musculoesqueléticas), tanto que, segundo Damásio (2000) as estruturas do *protossself* podem ser localizadas nos núcleos do tronco cerebral (figura 2). O *self autobiográfico* é o responsável por esse sentimento de si, pois ele se relaciona tanto ao *protossself* quanto ao *self* central. A consciência também se relaciona diretamente com o *self autobiográfico*, pois ela quem auxilia a perpetuar o sentimento de si do organismo, a partir dos sentimentos primordiais envolvidos com os objetos já conhecidos (que é o sentimento mais básico que o organismo possui, gerando o *protossself*) quanto às memórias que estão relacionadas com aquele objeto.

Em sentido amplo, o que nos faz entendermos como *nós mesmos* é o conjunto de todas essas funções trabalhando de maneira simultânea para a regulação da vida do organismo. Nas palavras de Damásio: “o corpo é a rocha sobre a qual o *protossself* se assenta, enquanto o *protossself* é o eixo em torno do qual gira a mente consciente” (DAMÁSIO, 2010, p. 22).

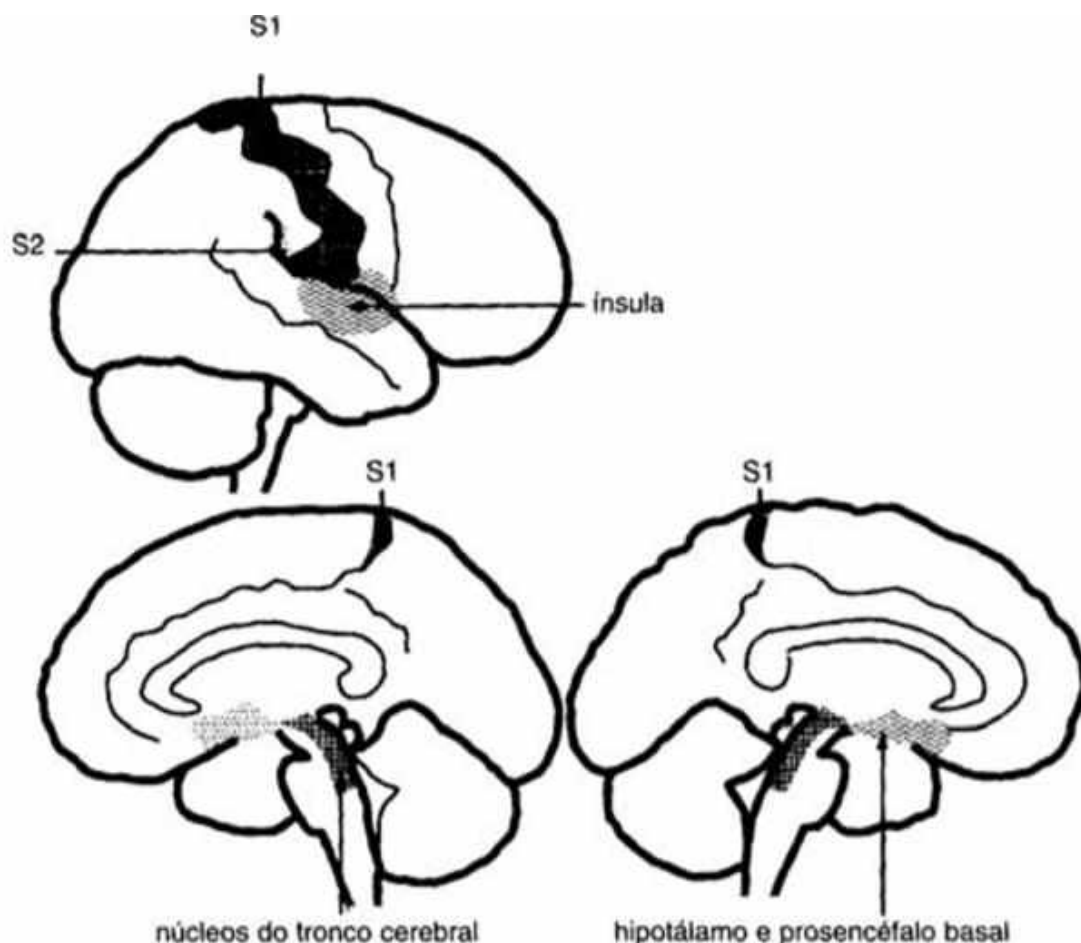


Figura 2: região onde estão localizados algumas estruturas do protossself.

Pensando assim, parece que o sentimento de *si* ocorre a partir da ação do organismo e das representações que *ele* possui em si. Possuímos não só a capacidade de construir tais imagens, mas também de possibilitar que essas imagens nos dão um sentido de *self* no ato de conhecer (DAMÁSIO, 2000, p. 27). A consciência que temos, nesse sentido, possui um papel importante para a construção desse sentimento de si.

É uma consciência mais voltada para o que o organismo reage em relação aos objetos do que ao objeto em si. É uma “autoconsciência” que, segundo Damásio (2000, p. 37), contribui para o sentimento de si e também influencia o processamento dos objetos a serem conhecidos.

Nesse sentido, a sensação de *si* é o sentimento do que acontece quando o seu ser é modificado pelas ações de fazer alguma coisa, sendo uma presença que nunca se afasta, que sentimos enquanto estamos plenamente conscientes (acordados). Ela precisa estar presente, caso contrário, você não existe.

3.2 A singularidade do *self*

Dentro do que já foi discutido neste Trabalho de Conclusão de Curso, podemos entender que a vida acontece dentro da fronteira que limita um corpo. As vontades, o desejo e o ímpeto de viver existem dentro dessa fronteira que separa o organismo do mundo externo (não fazendo-os ser a mesma coisa). Em nível molecular, essa fronteira é denominada de membrana, tomando forma no conjunto celular que nos gera: torna-se pele, membrana ocular. Essa fronteira nos faz ser organismo, um ser vivo que se difere do ambiente, inserindo-se nele, mas não sendo identicamente ele. Sem essa fronteira, não há corpo, e, se não há corpo, não existimos.

Para além disso, podemos refletir que uma pessoa é dotada de apenas um corpo, uma mente, um cérebro, como já discutido anteriormente. Não há como uma pessoa possui um corpo ou vários *selves*. Talvez os casos de gêmeos siameses e de distúrbios de identidade dissociativa deem a entender o contrário, mas não é bem isso que acontece: nos casos de distúrbio de identidade, que entendemos como o mais intrigante para discussão acerca do *self*, as personalidades são capazes de usar o corpo isoladamente, e não de modo caótico, com duas ou três identidades assumindo ao mesmo tempo. Cada identidade, a cada vez, é capaz de agir e pensar, ganhando controle suficiente para expressar o seu *self*. O fato de que distúrbios semelhantes a este não serem considerados saudáveis faz com que se tenha um consenso de que um corpo corresponde a um *self*. Ora, tendo essa consideração em mente, podemos dizer que a mente trabalha com o corpo para regulá-lo, auxiliando a sobrevivência do sujeito (DAMÁSIO, 2000, p. 187).

A impermanência do nosso corpo é intrigante à medida que descobrimos nossas mudanças fisiológicas, internas e externas a nós. Vale dizer que algumas células morrem em menos de uma semana, outras sobrevivem por alguns anos. Estamos em constante mudança até mesmo em como os neurônios se organizam para aprender: alguns podem ser substituídos, mas outros mudam a forma que se comunicam uns com os outros (DAMÁSIO, 2000, p. 188-189). O que poderia permanecer o mesmo de modo mais duradouro é o projeto de construção do organismo e as operações das partes que o compõem. Vale fazer uma ressalva quanto aos conteúdos mentais, sobretudo acerca dos conteúdos que nos constituem como nós mesmos: o que produz o sentimento de si não é alterado, mesmo com todas as mudanças que passamos com os anos, mesmo com todas as opiniões que já foram transformadas. O que poderia fazer um indivíduo acreditar que o Brasil não é um bom país para se viver pode não ser mais o suficiente para fazê-lo acreditar nessa premissa posteriormente. Caso ele venha a mudar de ideia sobre essa opinião não irá alterar seu *self*. Se trata de uma impermanência da permanência, pois, mesmo com todas as mudanças literais que nossos corpos o fazem, ainda sabemos que o nosso corpo ainda é nosso e, para além disso, percebemos que nossa vida está à mercê desse processo ininterrupto:

É espantoso que contemos com um sentido de *self*, que tenhamos – na maioria, ou alguns de nós – uma continuidade de estrutura e função que constitui a identidade, algumas características estáveis de comportamento que denominamos personalidade. É verdadeiramente fabuloso, sem dúvida alguma espantoso, que eu seja eu e você seja você. (DAMÁSIO, 2000, p. 189)

Ao fazer a colocação de que o *self* não é afetado pelas várias mudanças internas – principalmente – não significa que o *self* é uma propriedade imutável do organismo: “assim como os ciclo da vida e da morte reconstroem o organismo e suas partes do em conformidade com um plano, a cada momento o cérebro reconstrói o sentido de *self*” (DAMÁSIO, 2000, p. 189). Assim como nosso corpo, o *self* passa por mudanças em seus conteúdos e processos, logo, podemos entender que o *self* é um estado do organismo, que emerge dentro de certos parâmetros. É um processo de nível superior, assim como a mente, uma construção que tem como consequência a representação mental de um ser vivo individual. Essa construção pode sofrer um colapso e ser interrompida a qualquer momento. Dessa maneira, o objetivo de todos os componentes que engendram essa construção tem como objetivo manter-se longe dessa ameaça.

A experiência que se tem um dado objeto requer uma perspectiva própria do corpo. Ao observar o que é externo ao organismo, pode-se perceber objetos que estão em repouso e outros em movimento, e os que estão em movimento podem estar se afastando ou não do corpo. Ele é a referência principal, e por isso é necessário entender a importância do corpo situado no ambiente, juntamente com suas propriedades e processos. As imagens percebidas pela visão, por exemplo, mudam rapidamente a medida que o objeto se aproxima ou distancia de nós, fazendo com que os músculos que controlam os olhos e do pescoço acompanhem o objeto no seu movimento, ao mesmo tempo que os músculos das pernas e dos braços saibam como reagir para cada situação que possa vir a ocorrer. Isso também ocorre quando estamos apenas pensando no objeto, que foram registrados anteriormente e pela reconstrução a memória traz as cores, as formas e as reações tomadas pelo corpo naquele acontecimento, evocando reações emocionais (DAMÁSIO, 2000, p. 193).

Essas perspectivas assumidas pelo organismo em relação a acontecimentos presentes ou passados (trazidos à consciência por meio da recordação) é traçada a partir das modificações sofridas pelo organismo durante esses eventos. Quanto a ponderação de que essas imagens são propriedade do organismo e que ele pode agir em relação a elas são consequência direta das maquinações que criam a perspectiva do sujeito. É nesse sentido que o sujeito age em relação ao ambiente: a partir da relação do objeto e de como ele está disposto no ambiente e o indivíduo, que está sendo afetado por ele. No caso do objeto em movimento, um carro, por exemplo, vindo em nossa direção, desde que tenhamos consciência de que ele esteja se aproximando faz com que nossos corpos saibam quais movimentos executar a partir do que está disposto ao nosso redor, assim como a nossa reação seria diferente de quem estivesse apenas observando o acontecido. É assim que começamos a entender o sentimento de si na perspectiva de primeira pessoa: “o fato de você ter interagido com um objeto para criar imagens dele facilitará a concepção da ideia de *agir sobre* um objeto” (DAMÁSIO, 2000, p. 194).

3.3 As raízes do *self*

Como já vimos, os organismos possuem fronteiras que o limitam em relação ao ambiente, separando o que está *dentro* e o que está *fora*, fazendo com que a vida se regule na parte interna a essa fronteira e que a singularidade dos organismos dependa dessa fronteira. Em qualquer acontecimento que venha a ocorrer mudanças significativas no

ambiente, o organismo modificará o seu funcionamento interno (um exemplo simples acerca dessa questão é o aumento de temperatura do ambiente, que faz o corpo regule sua temperatura liberando água pelos poros do corpo). O foco dessa regulação é manter a sobrevivência do organismo da melhor maneira possível, mantendo a estabilidade do organismo. O *self* está disposto com uma consequência desse processo, a partir do qual venha a se estabelecer a vida e ser também uma âncora para o surgimento da mente.

Esses estados que contribuem para o estabelecimento da vida geram os sentimentos primordiais, sobre os quais é refletido o estado corrente do corpo em várias dimensões. Dos sentimentos primordiais se dá as emoções, como ódio ou felicidade, emoções das quais são mapeadas a todo momento pelos processos cerebrais que se processam as emoções. Essa relação se dá inextricavelmente ao corpo, como já comentamos, tendo o *protosself* como principal consequência desses processos de mapeamento. A partir do *protosself*, em conjunto com os demais níveis de *self*, é que passamos a processar as imagens e assim gerar consciência de si, único e proprietário desses padrões. Citamos: “A mente consciente começa quando o *self* brota na mente, quando o cérebro adiciona um processo do *self* aos demais ingredientes da mente, modestamente no início, mas com grande força depois.” (DAMÁSIO, 2010, p. 26).

Mesmo sendo gerados de processos cerebrais, nem a mente, *self* ou consciência são resultados de uma ou algumas áreas do cérebro: elas advém de uma fluente articulação de diferentes regiões do cérebro, sobre as quais processam informações sobre o ambiente e sobre o corpo propriamente dito. Parece que o *self*, assim como a mente consciente, surge a partir dessa interação que perpetua o conceito de organismo, mas, para além do surgimento da mente consciente, o *self* se relaciona diretamente com os sentimentos primordiais e tudo que está em volta da regulação da vida de maneira indissociável, auxiliando na ação do corpo para sua sobrevivência.

O fato de mover o braço faz com que percebamos que é nosso cérebro quem está coordenando esse movimento, e o *self* está inserido nesse movimento, à medida que reconhecemos o braço como *nosso*. É intrigante como não há um incômodo se quer para realizar tal ação, e mais intrigante ainda pensar que na ação do organismo há consciência, operações mentais e o *self* gerando conhecimento e mais padrões à medida que age no mundo, transformando a si mesmo (de maneira interna e externa) e ao ambiente no qual está inserido.

Por todas as razões aduzidas acima, propomos que o *self* não está mudando incessantemente, mas parece ser o mesmo do conceito de self autobiográfico, porque se baseia em um repertório de memórias que fundamentam a biografia do organismo, proporcionando a continuidade do sujeito. Ele pode se transformar à medida em que conhece sobre si mesmo e o que o cerca: essa organização requer mecanismos da consciência e da disponibilidade da memória. Se um objeto X provoca um pulso de consciência e o *self* emerge em relação a este objeto, o *self* autobiográfico é imediatamente afetado por alguns padrões armazenados ativados por memórias implícitas, provocando a si mesmas pulsos de consciência:

Assim, em qualquer momento dado de nossa vida consciente de si e do meio, geramos pulsos de consciência central para um ou alguns objetos-alvo e para um conjunto de memórias autobiográficas acessórias que são reativadas. Sem essas memórias autobiográficas, não teríamos a noção do passado e do futuro, não haveria continuidade histórica em nossa pessoa. Mas, sem a narrativa da consciência central e sem o self central transitório que nasce nela, não teríamos absolutamente nenhum conhecimento do momento, do passado memorizado ou do futuro antevisto que também consignamos à memória. A consciência central é uma necessidade fundamental. (DAMÁSIO, 2000, p. 280).

Podemos dizer que a identidade pessoal é construída a partir do *self* autobiográfico e sua atualização em relação à memória, que dizem respeito a história do sujeito e contribui para a sua individualidade. A interação socio cultural do organismo influencia o desenvolvimento da personalidade, em conjunto com seus traços transmitidos geneticamente. Para além disso, há também o fato dos episódios vivenciados e únicos que influenciam continuamente a memória autobiográfica (DAMÁSIO, 2000, p. 285-286).

A ideia que cada um de nós forma a si mesmo por meio das imagens que construímos de quem somos e de como nos constituímos na sociedade, baseia-se na memória autobiográfica, mudando inconscientemente à medida que o ambiente nos afeta, armazenando e transformando conhecimentos que acabam traçando nossa personalidade. A noção simples de identidade deriva da organização de conteúdos e processos de alta complexidade, que se manifestam de modo a formar um pano de fundo para mente. podendo vir ao primeiro plano quando quiser, o *self* é produto final não só das nossas inclinações e experiências, mas também é gerada a partir das memórias dessas experiências já vividas.

Considerações finais

A perspectiva que propomos neste Trabalho de Conclusão de Curso vai de encontro com as teorias mais recentes acerca da mente e da identidade pessoal dentro das ciências cognitivas. Esse modelo de mente consciente e de emergência do *self* contribui para as teorias computacionais e no desenvolvimento da Inteligência Artificial. Se é verdade que o corpo modela as funções mentais e contribui para a produção da identidade do sujeito, é necessário que as ciências cognitivas levem em consideração o papel do corpo para o seu âmbito. Para além do cérebro, o corpo possui funções que estão em ressonância com os processos cerebrais, principalmente no que diz respeito a identidade do organismo. Dentro dos seus limites, o corpo se mostra como alicerce da mente, sobre o qual se não existe corpo, não existe mente, consciência, identidade. A ação do corpo no ambiente tem seu papel fundamental para o conhecimento e enriquece os conhecimentos que apreendemos ao longo da vida.

A ação do corpo no ambiente faz com que conheçamos o mundo de maneira fenomenológica e, para além dessa perspectiva, quais os impactos que geramos ao afetá-lo. Como vimos, o organismo afeta e é afetado pelo ambiente, e como essa ação implica na identidade do sujeito: é a partir dessa ação que conhecemos o que é interno e externo a *nós*, de modo que produzimos conceitos e categorias acerca de acontecimentos passados e das premeditações futuras que projetamos a nós mesmos. A ação faz parte do organismo inserido e situado no ambiente.

Em suma, a sequência do ‘mover-se’ para ‘eu me movo’ e ‘eu posso mover-me’ é moldada por uma grande variedade de fatores que giram em torno das múltiplas faces que nos formam. Nesse sentido, a identidade pode assemelhar-se mais a uma multidão de elementos sensoriais dinamicamente sincronizados do que a uma unidade abstrata denominada consciência. (GONZÁLEZ; HASELAGER, 2003, p. 15).

Enquanto agimos no ambiente, formamos imagens e padrões mentais. Enquanto imagens dizem respeito apenas ao sujeito que as experiencia, os padrões neurais podem também ser vistos em terceira pessoa – a partir de uma tecnologia mais avançada do que as que possuímos atualmente (DAMÁSIO, 2000, p. 402) – e essas imagens não são apenas visuais: elas podem ser referência de coisas físicas e não físicas, que são processadas pelas propriedades cerebrais e tomam forma na mente, seja abstrata ou não. Contudo, existe o mistério de como essas imagens emergem de padrões neurais.

Esta é uma lacuna dentro das teorias da mente que ainda não se tem uma resposta satisfatória. Essa lacuna é que faz necessária a “separação” conceitual de cérebro e mente, e para não recairmos em um dualismo, introduzimos a mente como um processo de nível superior, que recebe uma descrição própria, mostrando-se diferente do cérebro (excluindo a teoria reducionista), mas ainda fazendo parte dos processos cerebrais (e corporais). Podemos entender as funções cerebrais responsáveis pelo processo de surgimento da mente, que por sua vez emerge à medida que acontece o processamento de imagens e informações obtidas pelos canais receptores que possuímos, internos e externos a nós.

No que diz respeito à consciência, devemos levar em consideração que o seu significado é diverso e precisamos ter cuidado ao lidar com ele. A consciência, tal como defendemos possui um grande papel no que diz respeito à construção da identidade e da mente (consciente). Ao acordarmos, em poucos segundos temos ciência das atividades diárias incumbidas a nós, a posição atual do corpo e as necessidades fisiológicas que possuímos naquele momento (tomar café da manhã, escovar os dentes, ir ao banheiro). Em um sentido superior a este, a consciência se liga continuidade a partir da memória autobiográfica que perpetua a consciência de si através dos anos. Sendo pouco explorada, a consciência contribui para entendermos melhor o que seria a mente, de acordo com Damásio: com a ajuda da consciência, entendemos que a mente é um fluxo contínuo de padrões mentais, que emergem de caótica ou ordenada, divergente ou convergente (DAMÁSIO, 2000, p. 427).

Com base nesses estudos, há muitas teorias consistentes de que a mente é bem definida como uma “assembleia de informações” fornecidas por um corpo vivo (ALMADA, 2017, p. 5). Seguindo essa perspectiva já se pode concluir que a mente se liga ao corpo mesmo sem ter sido considerada uma substância, algo material e localizável no organismo. E para além disso, argumenta-se que a autossensibilidade é essencialmente corporal. Logo, ao negligenciar o corpo deixam-se lacunas argumentativas em relação aos problemas mente-corpo. Ao levar em consideração essa teoria já faz com que tenhamos uma resposta coerente e, de certo modo, satisfatória no que diz respeito às relações entre a mente e o corpo propriamente dito: a mente não está localizada, muito menos ligada diretamente ao cérebro. Ademais, a mente emerge no organismo e é neste sentido que usamos o termo “organismo” para tratarmos do indivíduo plenamente consciente inserido em um ambiente. O corpo reage a interações com o ambiente e, dessa forma, produz conhecimento de si e do ambiente em que está inserido.

A partir desses conhecimentos o corpo responde essa interação a partir das informações já armazenadas daquele objeto em conjunto com a emergência da mente. Como já dito anteriormente, a mente não é apenas a emergência acerca de determinado processo, mas o processo em si. Esse é o conceito básico das relações mente e como ocorrem os processos *top-down* e *bottom-up*.

Essa construção se dá de forma orquestrada, com todas as propriedades do corpo propriamente dito e os processos do cérebro em pleno funcionamento. A emergência da mente se dá em conjunto com esses processos, mas não está apenas no cérebro. A mente emerge a partir de todo o conjunto de processos que estão acontecendo pelo corpo do organismo. Ao sentir ansiedade de fazer uma apresentação, por exemplo, desencadeia uma série de funções, podendo gerar uma gastrite nervosa, uma diarreia, um desmaio na pessoa que a sente. A mente emerge a partir desses estados corporais, não apenas no sentimento que as fazem acontecer: a mente também é a gastrite nervosa, a diarreia, o desmaio. Nesse sentido, é errôneo pensar em uma mente separada do corpo, ou que age apenas no cérebro. Somos a integração e interação de todos nossos estados e processos.

REFERÊNCIAS

ALMADA, Leonardo Ferreira; MESQUITA, Luís Otávio de Sousa. Corpo, cérebro e ambiente: o organismo como alicerce da mente consciente. **Kínesis**, v. 9, n. 21, p 105-125, 2017.

DAMÁSIO, António. **E o cérebro criou o homem**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2011.

DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

GONZÁLEZ, Maria Eunice; HASELAGER, Willem Ferdinand Gerardus. A identidade pessoal e a teoria da cognição corporificada. *In*: Broens, Mariana Claudia; MILIDONI, Carmem Beatriz (Eds.). **Sujeito e identidade pessoal**: estudos de filosofia da mente (pp. 95-111). São Paulo, SP: Cultura acadêmica. 2003.

HORIZON. **The men who lost his body**. BBC Television, 1997. 48:31 min. Disponível em: <<https://www.dailymotion.com/video/x12647t>>. Acesso em: 16 nov 2019.

KAKU, Michio. **O futuro da mente**: A busca científica para entender, aprimorar e potencializar a mente. Tradução de Ângela Lobo. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2015.

VIANA, Cristina Amaro. Identidade pessoal e continuidade. **Kínesis**, v. 2, n. 3, p. 266-283, 2017.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1975.